

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2007 - ANO XI - Nº 122

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

A Fundação Christiano Rosa comemora aniversário de sua instituição. São dez anos de trabalho voluntário ininterrupto voltado para Piquete. Foi instituída por um grupo de piquetenses liderado pela arquiteta Célia Ap. Rosa, o qual, preocupado com o futuro do município, passou a se reunir discutindo formas de colaborar para o engrandecimento da cidade. A Fundação nasceu com o objetivo de apoiar e incentivar atividades nos campos da educação, cultura, artes, assistência social, ciências, tecnologia e meio ambiente.

A questão ambiental sempre foi o norte dos objetivos buscados por sua mentora, que entendia meio ambiente como uma intrincada rede de relações físicas, biológicas, culturais, econômicas e políticas, que condicionam e determinam a qualidade de vida dos cidadãos. Assim, melhorar a qualidade de vida da população, recuperando o meio ambiente degradado, evitando e mitigando impactos ambientais, além de conservar os sistemas naturais ainda remanescentes, são metas constantemente buscadas. Dessa maneira, a Fundação fomenta ações voltadas para o fortalecimento da cidadania participativa, uma vez que o público alvo é a população estudantil, com a qual vem trabalhando a fim de inculcar-lhe conhecimento, respeito e amor pela Cidade Paisagem.

Numa retrospectiva, a FCR constata o crescimento da consciência, por parte da população, sobre a importância das questões abordadas ao longo dessa década. A exemplo dos diversos meios de comunicação, "O ESTAFETA", informativo de circulação mensal da FCR, tem trazido à reflexão artigos sobre temas diversos, como cultura, história, meio-ambiente. Busca, portanto, conscientizar seus leitores da importância de se trabalhar esses temas de forma integrada, visando à progressiva implementação do desenvolvimento sustentável.

Ao completar dez anos, tendo sempre primado pelo apartidarismo, sem, no entanto, privar-se de cobrar a eficácia de políticas públicas, a Fundação Christiano Rosa contabiliza inúmeras vitórias, alcançadas por meio de ações sérias e eficazes, que lhe garantiram credibilidade e reconhecimento junto à diversas entidades e órgãos governamentais do Vale do Paraíba.



O aquecimento global é um processo irreversível que vem ocorrendo de maneira acelerada nas últimas décadas e põe em risco o futuro da Serra da Mantiqueira e de suas nascentes.

Aquecimento global e suas repercussões

A Serra da Mantiqueira, que corta Piquete, constitui um dos mais significativos conjuntos orográficos brasileiros. Incorpora-se ao bioma da Mata Atlântica, que possui uma das maiores biodiversidades do planeta, razão por que foi reconhecida como Patrimônio Nacional pela Constituição Brasileira de 1988 e entrou para o rol das reservas da biosfera, em 1992, por indicação da UNESCO.

O relevo montanhoso do município faz parte de um conjunto paisagístico expressivo, com desníveis altimétricos entre 600m e 2422m, que demonstram ser esta uma das mais abruptas regiões do estado de São Paulo. A despeito do intenso e contínuo processo de devastação que sofreu, a partir do século 18, que transformou áreas naturais em pastos, além da ocupação desordenada de suas encostas, a Mantiqueira, em Piquete, ainda mantém significativos fragmentos de Mata Atlântica. Os inúmeros corpos d'água que formam a rede de drenagem do município e as microbacias precisam ter suas nascentes e matas ciliares recuperadas e preservadas, para que a saúde desses tributários da margem esquerda do Paraíba do Sul seja preservada.

Nos últimos dez anos, a Fundação Christiano Rosa tem-se dedicado a estudar, divulgar e trabalhar para a recuperação dos recursos naturais de Piquete. O aquecimento

global, processo irreversível que vem ocorrendo de maneira acelerada nas últimas décadas e que vai mudar o clima em todo o mundo, terá repercussão em nossa região. Preocupa-nos o futuro da Serra da Mantiqueira e de suas inúmeras nascentes.

Os efeitos do aquecimento global na biodiversidade da Terra estão sendo analisados por cientistas de todo o mundo, na tentativa de descobrir seu impacto na fauna e na flora. Prevê-se que o aquecimento do planeta leve à extinção muitas espécies. Para minimizar esses problemas, é preciso que sejam implementadas ações no município, a curto e médio prazo, que contribuam para o esforço global de preservação do meio ambiente e, mais importante, neutralize a emissão de gás carbônico na atmosfera, reduzindo os efeitos da poluição e, conseqüentemente, do aquecimento global. É preciso incentivar o plantio de árvores e projetos de revitalização com matas nativas do entorno de nascentes e das encostas do município. A paisagem piquetense precisa ser preservada a qualquer custo.

Para responder com eficácia ao desafio de frear o aquecimento global, a Educação Ambiental é um importante instrumento, que contribui para a formação de uma nova mentalidades, orientada para a proteção e preservação ambiental. Urge o engajamento de todos nessa cruzada!

Imagem - Memória



Corporação Musical Piquete em foto da década de 30. Em primeiro plano, à esquerda, o maestro José de Castro Ferreira. As bandas de música sempre fizeram parte da vida de nossa cidade. É uma pena que tenham-se extinguido.

Foto arquivo Pro-Memória

A Banda

**“Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor”**

Chico Buarque de Holanda

É uma pena que a tradicional banda de música de Piquete tenha se extinguido. Durante longo período de nossa história, a Corporação Musical Euterpe Piquetense musicalizou a vida da cidade, que saía às ruas para vê-la passar. Com o regente à frente, seus músicos desfilavam com garbo e alegria a boa música. Seu desaparecimento deixou um vazio e uma perda irreparável na cultura local.

Fruto de uma tradição musical que remonta aos tempos do Brasil Colônia, as bandas de música sempre foram um rico celeiro de marchas, ritmos e gêneros musicais. Elas se transformaram em uma das mais populares manifestações da cultura nacional: onde havia um coreto, estava uma bandinha, orgulho da cidade. Nas bandas formavam-se músicos profissionais e amadores, eruditos e populares. Elas foram centros geradores de novos gêneros musicais e de um vasto repertório de chorinhos, marchas de dobrados, além de hinos e canções cívicas, religiosas e populares.

Tradicionalmente, Piquete sempre foi uma cidade musical. Não sabemos precisar quando foi o surgimento de sua primeira banda de música, mas sabe-se que, na década de 80 do século XIX, havia na Fazenda da Estrela, propriedade do

comendador Custódio Vieira da Silva, uma banda formada por escravos, que se apresentava uniformizada em eventos acontecidos em Piquete e em Lorena. Sabe-se, também, que na primeira década do século XX, o músico Bonfiglio de Oliveira, de Guaratinguetá, a convite do coronel José Mariano Ribeiro da Silva, líder político de Piquete, ministrava aulas de música para meninos na antiga matriz de São Miguel.

Ao longo dos anos, apesar das dificuldades, diversos grupos musicais foram criados, bem como gerações de músicos formadas. Em 1920, surgiu a Euterpe Piquetense, sob a regência de Manoel Lacerda. Nos anos subseqüentes, estiveram à sua frente os maestros João Evangelista e José de Castro Ferreira, responsáveis pela formação musical de grande número de músicos. Em 1938, a Euterpe foi dividida devido à criação da Banda da Fábrica, que acabou por incorporar os músicos da Euterpe, uma vez que a maioria eram funcionários públicos federais. A Fábrica investia na formação de seus músicos, e assim, essa banda tornou-se referência no Vale do Paraíba.

Com a desativação da Banda da Fábrica, em meados de 1956, foi formada a Corporação Musical Euterpe Piquetense, tendo à frente o maestro Carlos Vieira Soares, substituído, mais tarde, por Antônio Prestes Camargo, o qual, por motivos de saúde, passou a função de regente para o maestro Vicente Judice Colaneri. Precisando mudar-se de Piquete, Colaneri entregou a direção da Corporação

a Benedito Pereira da Silva. Com seu falecimento, a banda ficou desativada. Foi chamado, então, o maestro Carlos Vieira Soares para reativá-la. Carlos Vieira encontrou muitas dificuldades: da antiga banda eram poucos os remanescentes; os aprendizes, após se formarem, se dirigiam para bandas militares ou grupos musicais da região, de maneira que, no final dos anos 80, a Euterpe foi definitivamente desativa. Foi uma pena...

A Corporação Musical Euterpe Piquetense fazia parte da cidade. Participava ativamente da vida da sociedade de Piquete. Era presença marcante nos desfiles cívicos, eventos religiosos e políticos, enterros e tardes esportivas... Sempre buscando promover e incentivar o progresso da arte. É uma pena que as novas gerações não tenham tido oportunidade de ver a banda passar...

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

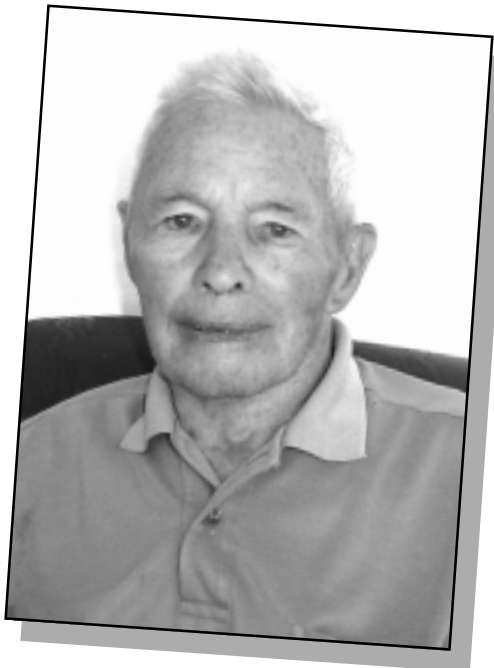
GENTE DA CIDADE

Seu Vicente

Com calma e tranqüilidade, José Vicente Ferreira vai contando sua história. Nasceu em Piquete, a 20 de outubro de 1921, filho de Pedro Vicente Ferreira e Maria Rosa. Eram oito filhos. O pai cultivava suas roças na Fazenda Santa Lydia, de Antônio Pelúcio, no bairro do Itabaquara. Plantava milho, feijão, mandioca e cana. Aos dez anos, Vicente já o ajudava na lavoura e na limpeza do café. Recorda-se dos soldados constitucionistas chegando ao pátio da fazenda, em 1932. Por mais ou menos um mês, ficaram acampados próximo à Santa Lydia. Durante esse período, para ir a Piquete precisava de uma autorização. Logo após a revolução, a família veio do Itabaquara para a cidade, carregando toda a mudança num cargueiro de mulas.

Em 1941, seu Vicente alistou-se no Exército, indo servir no quartel de Itajubá, em Minas Gerais. Em abril de 1942, em plena II Guerra Mundial, foi transferido para a ilha de Fernando de Noronha, onde permaneceu por quatorze meses. Além dos exercícios de guerra, trabalhava com americanos, construindo pontes, passarelas, no reboque de lanchas e no embarque e desembarque de cargas.

Ao retornar a Itajubá, permaneceu no quartel até 31 de agosto de 1943, quando deu baixa. Poucos meses depois, casou-se com Holanda Conrado, com quem teve nove filhos. Em 23 de julho de 1944, por meio de seu padrinho, Júlio Gomes Sardinha, ingressou na Fábrica, no Departamento de Educação, indo trabalhar na Escola Agrícola, onde fez muitas amizades. Recorda-se dos professores Sebastião Chagas, seu encarregado, Arthur Alves, professores Léo, Jamil, Euclesiano, Jadir Barbosa, Orlando e Hermínia. “Eram mais de sessenta alunos...”. De lá foi transferido para o Parque Zoológico “Marechal Rondon”, onde funcionava o



Jardim da Infância. Nessa função permaneceu por dezoito anos, até se aposentar em 1969. Seu Vicente gosta de citar a beleza do zoológico e a animação das crianças durante o recreio: “Seu Marinho, era meu encarregado... Eram tantos animais... tinha urubu-rei, búfalos, macacos, anta, onça, gato-do-mato... Para alimentá-los, eu descascava mais de 300 bananas por dia!” Lembra que, apesar da familiaridade, um dia foi “traído” pelo urubu-rei, que o pegou, por trás, no braço, enquanto era alimentado. “Conversei, conversei com ele... Mas ele não me soltou... Foi um sufoco...”

Conta-nos que eram três classes, com aproximadamente 30 crianças cada, as quais, durante o recreio, formavam um pelotão: “Saía fogo... Era preciso estar sempre atento, para que não mexessem com os bichos.” Cita, com carinho, a professora Letícia Frota, lembrando, ainda, Eurídice Gali, Irene, Odete Pereira e Justina Ecklund.

Seu primeiro casamento durou 22 anos, até o falecimento da esposa. Conheceu, então, Tereza Ribeiro, com que está casado e tem uma filha.

Após a aposentadoria, adquiriu um sítio no Bemfica, onde formou uma roça. Ficou com essa propriedade durante vinte anos, quando a vendeu. Atualmente, seus 86 anos impõem-lhe algumas barreiras, mas, cheio de alegria, diz: “adoro a vida e quero continuar um bom tempo por aqui, curtindo o que construí...”

Águas de Março...

“São as águas de março fechando o verão... É promessa de vida no teu coração.”

Novamente, as águas de março fecham nosso verão. Que venha o outono, com suas folhas caindo e brisas amenas ao final do dia. Que venham as noites claras, a Mantiqueira azulada e brilhante, iluminada pelas estrelas. Assim Piquete prepara a recepção para o inverno, em que o frio é mais forte e as noites mais claras.

No entanto, o que nos trazem de novo essas águas? Que novos desafios são embalados pelas brisas do outono? Ao lermos jornais e revistas, a impressão é de que não faria diferença se a edição fosse a de um ano atrás: enchentes, dengue, CPI’s instaladas ou barradas, fisiologismo escancarado, partidos e políticos legislando em causa própria... Nada mudou. As águas de março fecharam novamente o verão e nada, absolutamente nada mudou...

Basta! Temos que nos conscientizar de que as águas de março, por si só, não têm poder para lavar nada. Nós é que precisamos ter atitudes transformadoras. Questionemo-nos quão apáticos estamos aguardando o final do verão, o início do outono, do inverno... O começo de todo o ciclo. Até quando? Até quando a submissão, a hipocrisia, a conivência, a distorção de valores, a diferença nos pesos e contra-pesos da balança da Justiça?

“Posso ser apenas uma gota, mas sem mim o oceano seria menor” é uma frase feita... Sim, mas é a que melhor reflete a diferença que faz nossas atitudes: o carinho a um doente, o apoio a um amigo ou desconhecido desesperado, a honestidade nos mínimos centavos, a cordialidade, o amor ao próximo, a dedicação ao ensinar... Caramba! É tão fácil melhorar o mundo... Por que tanta complicação?

Acredito que foram águas de março que inundaram, há mais de dez anos, os corações de um grupo de piquetenses... Esse grupo, instituidor da Fundação Christiano Rosa, não permitiu que o outono de 1997 fosse o mesmo que o de anos anteriores. Conseguiram, e vem conseguindo, com sua atitude, provocar sorrisos e lágrimas de lembranças, questionamento saudável e senso de cidadania em muitos piquetenses... São os frutos de um trabalho sério e focado em claros objetivos. Oxalá as águas de todo março atinjam em cheio diversos outros grupos como aquele. Certamente, seria o cumprimento das promessas de vida no nosso machucado coração brasileiro e piquetense!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Seu Vicente (2º da esq/dir) e amigos soldados, em Itajubá, às vésperas da partida para Fernando de Noronha



Qual o sentido do Carnaval?

Acabou o tríduo carnavalesco de 2007, e nas marcas do tempo de fevereiro, deixou a memória do povo nas ruas louvando o prazer e dele fazendo parte, cada um a seu modo. Afinal, é este o sentido da folia carnavalesca. Expor a carne e o que nela representa a euforia, a tal alegria, a sátira, o humor, o sensual, o primitivo gosto do prazer. Seja lá o que se entenda por primitivo, palavra sujeita a perigosos falseamentos. Afinal, a chamada língua portuguesa (que falamos transformada), “última flor do Lácio”, das antigas antologias e dos cultores dela, exige cuidados, pois, atacada pelas influências globalizantes, codifica-se horrorizada nas raízes e envenena-se nas ramificações. A festa permite licenciosidades, e destas precisa para se auto-afirmar.

Crônica muito antiga encontrada no “Almanaque Eu Sei Tudo”, de março de 1918, relata um percurso carnavalesco feito a pé, em 1718, na Bahia, de igreja a igreja, distribuindo “dixotes”, cantos e pilhérias, perdida a seriedade e as chamadas regras de conduta. Daí, em agitada função partia-se para as “opíparas peixadas” e “ceias da quaresma”, regadas a muitos vinhos, em festejos estrepitosos e atordoantes manifestações.

Assim era o Carnaval, ou melhor o entrudo, divulgado pelos portugueses, para preceder a Quaresma. Realizados esses festejos nas laterais das igrejas, com muito som de guitarras e cavaquinhos, segundo o depoimento do viajante francês em viagem ao redor do mundo, segundo consta em “Nouveau Voyage au tour du monde”, por L.G. de la Barbinais, Paris, 1728.

Ritos pagãos apropriados pelo Cristianismo fundamentaram esses atos

O interessante é observar que as folias carnavalescas partiam das próprias igrejas, das ordens dos religiosos, como momentos de prazeres carnavais, para, catarticamente, chegar-se à Quaresma, como ato purgativo, não sendo raras as auto-flagelações pelo açoite e navalhadas, num “fingimento” de beatismo pela mortificação do corpo. Arrastar correntes nos pés, costas lanhadas de sangue, espadas apoiadas em ponta para os estômagos, carregar cruzeiros, eram partes da exibição.

Segundo o relato, o espectro da Morte estava sempre presente, precedido por matraca feitas de jacarandá, tangidas com veemência. Lugubrememente.

Outra citação vem do viajante De Gervais, em “Memoires”, de Bruxelas, em 1844. A descrição pormenorizada e repetida pelo articulista do “Eu Sei Tudo”, que se

assina Dr. Pires de Almeida, refere-se às procissões que, após os préstitos carnavalescos, imitavam os Passos, entoando o Miserere, além das auto-flagelações sacrificiais.

Afinal, vem daí o Carnaval, na crônica dos séculos XVII e XVIII, de uma herança medieval de sacrifício da carne, precedido pelo prazer ilimitado, abusivo, inconsequente e liberado, para ser depois contido, depurado, purgado.

Os autos representativos teatrais nas feiras, à frente das igrejas, propunham-se como relato popularizado dos feitos, as seqüências e as conseqüências, para exemplificar.

Estabelecida a necessidade do Carnaval para atingir a Quaresma, fixou-se o tríduo da Folia pela data móvel do domingo da Páscoa. Este, sendo dado pelo 1º domingo após a Lua cheia, posterior ao equinócio da primavera (no Brasil equinócio do outono). Assim, o domingo de Carnaval cairá sempre no 7º domingo que antecede a Páscoa.

Passeatas carnavalescas antecederam o que hoje constituem os blocos e as escolas de samba. Feitos para ironizar os humanos e tudo a eles referido. Para mostrar, com a presença da morte, cujo espectro acompanhava os movimentos, a fragilidade da vida e a desnecessidade de manter tudo sempre controlado. As “laranjinhas” e limões de cera contendo líquidos, muitas vezes impuros, atirados sarcasticamente nas pessoas, acabaram proibidos. Mas, restaram outros tantos substitutos.

O que nos deixou este Carnaval?

Gente esgotada pelas folias nos espaços urbanos das calçadas e carros, ou recolhida em seus lares, assistindo pela televisão o que a ação midiática convencionou como espetáculo para consumo e propagação de itens comerciais. Ou, confraternizando alegremente nos encontros das Igrejas católicas e nas neopentecostais. Nas ruas, o lixo espalhado e recolhido pelos servidores municipais. Estes, juntando os fragmentos, associam-se a um relato cuja historicidade pode ser entendida nas mensagens que divulgam. Quais as motivações dessas imagens fragmentadas? As das ruas, que popularizam a festa? A do prazer, da ironia e do sarcasmo?

Passou mais um carnaval para um povo a ele afeito.

Portanto, quer como folclore que pretende englobar a cultura, quer como festa popular, o Carnaval vai, pelos seus meios e fins, confirmando a proposta pela qual foi originado: para ser destempero seguido de catarse.

Dóli de Castro Ferreira

Problemas de Saúde proveniente de Mudanças Climáticas

Com as mudanças climáticas que vêm ocorrendo no planeta, decorrentes do aquecimento global, a saúde da população brasileira pode sofrer agravos. A conclusão está no estudo “Mudanças do Clima”, publicado pelo Núcleo de Assuntos Estratégicos, da Presidência da República.

A publicação alerta que, não somente a água em excesso, mas também a seca prolongada tem o poder de afetar a saúde humana, devido aos efeitos da exposição constante à fumaça das queimadas. O estudo aponta que se verificou na América Latina maior incidência de doenças infecciosas, como dengue, cólera, malária e diarreia, em função de fenômenos climáticos como o El Niño e chuvas torrenciais. No Brasil, a dengue é preocupante. Existe risco de que possa ocorrer uma epidemia: nestes primeiros três meses, foram registrados mais de 85 mil casos no país. Mato Grosso do Sul é o estado com o maior número de casos. São Paulo encontra-se em alerta quanto ao risco de uma epidemia. Neste mês de março, foi confirmada a morte do primeiro paciente com dengue hemorrágica, uma forma mais grave da doença. A vítima esteve a passeio no litoral do estado, onde adquiriu a doença. É grande o número de casos em Ubatuba, o que coloca em atenção o Vale do Paraíba, uma vez que o mosquito *Aedes aegypti*, vetor do vírus causador da doença, é encontrado em toda a região. Para se combater a dengue é preciso acabar com esse mosquito. Daí a importância da mobilização de toda a sociedade, num mutirão contra este inseto. Para tanto, os criadouros devem ser eliminados: tampe caixas d'água, coloque areia em pratos de vasos de planta, guarde garrafas vazias de cabeça para baixo, cubra pneus e mantenha os quintais limpos.

Se apresentar sintomas de febre, dores no corpo, principalmente nas articulações, dor de cabeça, além da ocorrência de náuseas, vômitos e manchas no corpo, procure o posto de saúde mais próximo.

A dengue está mais perto do que se imagina!

Reprodução



Atividades da Fundação Christiano Rosa

✓ Aconteceu, no dia 9 de março, um encontro entre Organizações Não Governamentais do Vale do Paraíba e o Secretário de Estado de Meio Ambiente de São Paulo, Francisco Graziano.

O encontro foi na Câmara Municipal de São José dos Campos, onde, além dos ambientalistas, estiveram presentes também vereadores, representantes da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental - CETESB, Departamento de Águas e Energia Elétrica - DAEE, Polícia Militar Ambiental, DEPRN, Fundação Florestal, Instituto Florestal, Prefeituras e outras instituições.

Graziano foi recebido pelo secretário Municipal do Meio Ambiente de São José dos Campos, André Miragaia, e por Ana Maria de Gouvêa, da Fundação Christiano Rosa, que falou em nome das organizações presentes. Na ocasião, o Secretário defendeu a importância do contato direto da sociedade com o poder público, para o aperfeiçoamento das ações de defesa da qualidade ambiental: "Sem a participação da sociedade civil, não conseguiremos resolver os problemas", afirmou.

✓ Aconteceu, no dia 17 de março, em Taubaté, a eleição dos representantes das ONGs no CBH-PS (Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul) e no CEIVAP (Comitê para Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul). A FCR

foi eleita titular nos dois colegiados, para o biênio 2007/2009.

Contando com o apoio da maioria das 26



André Miragaia, Francisco Graziano e Teca Gouvêa

ONGs presentes, devido à excelência dos trabalhos que vem realizando e à sua efetiva participação em importantes tomadas de decisão na região, a FCR firma-se como liderança no Vale do Paraíba na área ambiental.

No CBH-PS, a FCR tem como suplente o Instituto OIKOS, de Lorena. No CEIVAP, a suplência ficou com a Associação Vale Verde, de São José dos Campos. A segunda vaga de titular no CEIVAP ficou com a associação UNA das Águas, de Taubaté, que teve como suplente o Instituto Eco-Solidário, de São José dos Campos.

A posse dos novos membros acontecerá no dia 28 de março, a partir das 14h, em Guaratinguetá, em plenária do CBH-PS.

✓ A presidente do Conselho Curador da Fundação Christiano Rosa, Teca Gouvêa, proferiu palestra, no dia 22 de março, Dia Mundial da Água, sobre preservação de

recursos hídricos para alunos de Engenharia Química da USP - Escola de Engenharia de Lorena. A convite da

professora Dra. Tereza Paiva, Teca falou sobre os projetos ambientais tocados pela Fundação Christiano Rosa e de sua importância para a bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, inclusive o projeto de estudo e avaliação ecotoxicológica do Ribeirão Limeira, em que a Fundação Christiano Rosa é parceira da USP-EEL. Os alunos deverão fazer diversas excursões ao Ribeirão

Limeira, que nasce em terras piquetenses e tem sua foz no Paraíba, no município de Lorena, no campus da USP-EEL.

✓ A Fundação Christiano Rosa estará promovendo, entre os dias 26 e 28 de março, no Auditório II da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá (FEG/UNESP), o Seminário "Águas Nascentes". No evento estará sendo discutida a importância da recuperação e preservação de nascentes e de suas áreas de recarga. Contando com mais de 140 inscritos, o Seminário promoverá, também, a discussão de projetos com essa finalidade já em andamento nas cidades do Vale do Paraíba.

O Seminário faz parte do projeto "Comitês das Águas: Suporte Operacional para Encontros Técnicos e Capacitação para Elaboração de Projetos", coordenado pela Fundação Christiano Rosa e financiado pelo FEHIDRO e CBH-PS.

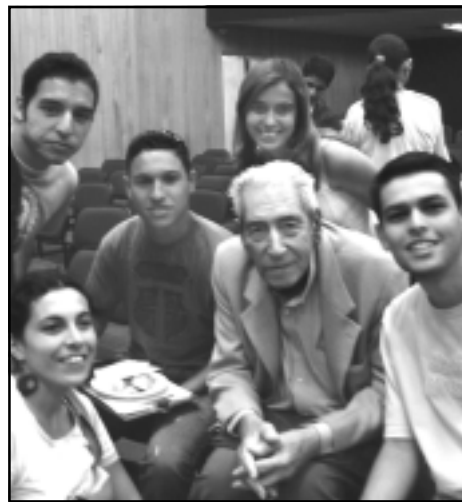
A ocupação de várzeas: um risco iminente

Muito concorrido o seminário "Várzeas do Paraíba do Sul: Futuro Incerto?", organizado pelo Camin (Centro de Amigos da Natureza de São José dos Campos), no dia 21 de março.

Problemas relacionados com as várzeas preocupam todos os ambientalistas. Com o crescimento das cidades, as várzeas do Paraíba do Sul foram sendo ocupadas devido ao processo de urbanização. Essa ocupação agravou-se com a construção de represas e o controle da vazão do rio. A população foi invadindo ainda mais essas áreas, esquecendo-se de que essa é uma região restrita do rio, que pode voltar a ocupá-la. Por outro lado, abriga ecossistemas próprios, muito frágeis, que precisam ser preservados. No seminário questionou-se até que ponto essa é uma região segura, quais os impactos decorrentes de uma ocupação urbana nas várzeas, quais os efeitos da mudança

climática e qual o cenário previsto para o caso da "várzea urbanizada" no Vale do Paraíba. Estas e outras perguntas foram respondidas pelos professores: Dr. Aziz N. Ab'Saber (IEA/USP), Dr. Eduardo M.

Dr. Aziz Ab'Saber e alunos dos cursos de Geografia da UNITAU e UNISAL



Mediondo (EESC/USP), Dr. Osman F. Silva (ANA), Dr. Tércio Ambrizzi (USP/INPE) e Dr. Mário Thadeu L. de Barros (Poli/USP).

Após o ciclo das palestras, uma mesa redonda elucidou muitas dúvidas. Foi realçada a importância de um plano de recuperação, restauração e proteção ambiental das bacias urbanas, hoje chamado de renaturalização. É preciso ficar atento quanto ao cumprimento da legislação vigente. O professor Aziz realçou a importância das várzeas e a necessidade de mais pesquisadores e profissionais qualificados para tratar do assunto. Não se pode falar com meias verdades ou com desconhecimento de causa.

Em Piquete, a exemplo de outras cidades valeparaibananas, a ocupação das regiões de várzea aconteceu sem preocupação com o problema ambiental. É só iniciar o período das chuvas, que a falta de planejamento urbano se faz presente. **Thiago Batista**

Crônicas Pitorescas

Mulher

Palmyro Masiero

Estamos em pleno mês da mulher, que teve no dia 8, como homenagem, o seu dia internacional. Concordo que seja internacional já que, se existe uma coisa a que não tenho o menor resquício de preconceito é com esse material. Mas, e os outros trezentos e sessenta e quatro dias? No meu calendário particular todo dia é dia da mulher, internacional ou não, recaindo minha preferência pela que está mais próxima de mim.

Tomamos conhecimento que lá em Belo Horizonte houve passeata de machões reivindicando a volta da mulher-Amélia. Gosto da música do Ataulfo, mas acho a Amélia uma chata. Quanto à frase inspiradora do movimento, “Já não se fazem mulheres como antigamente”, estou em plena concordância. As de agora são muito, muito, muitíssimo melhores.

Pergunto-me: quem sou pra discutir, concordar ou não sobre a participação da mulher em todos os ramos, em todos os setores, se elas próprias assim o desejam? Simone de Beauvoir, feminista do primeiro escalão, não disse que a mulher tem que enfrentar o mundo em igualdade de condições com os homens, por sua própria conta, risco e capacidade? Que assim seja.

Mas não é sobre esse prisma que estou aqui pagando bobeira. Quero falar da mulher como mulher, não como obreira. Não me é possível separar mulher mulher da mulher trabalhando. É impossível decompor: feminilidade pra cá, trabalhadora pra lá. Com ou sem uniforme, pra mim continua sendo o que antigamente designavam o sexo frágil. Tem que ser tratada e admirada como se trata e se admira uma flor.

Vinícius disse que na mulher a beleza é fundamental; Tolstoi: “Que estranha ilusão supor que o belo é bom!” Duas orações, dois pontos de vista. Marco coluna do meio baseado no conhecimento dos mais antigos, que, às vezes, por causa de uma cara feia, etc e tal.

Meu velho amigo Troitepe vivia dizendo que mulher feia é palavrão. Bandeirada dele, que andava naquela: caiu na rede é peixe. Já o Trombone, mais filosoficamente, compara a mulher feia a empréstimo: resolve o problema no momento. Não me preocupo com quesitos...

Todo poeta que se preza já cantou a mulher em prosa e verso. Como não o sou, vou na base da cantada direta mesmo, que dá mais futuro. Toda vez que assisto a série Kosmos na TV, comparo a imensidão e o grande mistério do universo sideral com o universo palpável que é o corpo de uma mulher. Sei que as feministas mais radicais provavelmente estão pensando que estou tratando a mulher como “objeto de cama e mesa”. Isto entra com 50%. A outra metade fica com o inverso.

Não briguem comigo. Volto a frisar que o meu desejo é que a mulher alcance tudo a que tem direito na sociedade atual, que quebre todos os preconceitos e tabus que se formaram à sua volta, mas, como também já disse, não consigo dissociar a feminilidade de uma empresária, bancária ou banqueira, doutora, motorista, professora, metalúrgica, engenheira... Até jogadora de futebol. Não lenho culpa, pô! Sou vidrado pelo sexo oposto, que fazer? Na atual conjuntura, creio até que mereço aplausos, porque a desmunhecação tá braba!

Incomoda-me, por exemplo, uma situação acontecida com uma funcionária que chegou ao serviço com o olho roxo, e, quando lhe perguntaram a causa, respondeu ser por motivo de força maior. A força maior era do marido, com quem se estapeara. Esse cara, se não foi, deveria ter ido desfilhar em B.H.

Estou com Victor Hugo: “... o homem está colocado onde termina a terra; a mulher, onde começa o céu...” Que habitem o céu da minha vida. Salve, salve, mulherada amada, salve! Todos os dias, todos os anos, toda a vida... Salve! Amém.

Malmequer

As vezes, pego-me bulindo no tempo, e então, reencontro-me com peripécias e vicissitudes vividas.

Minha primeira namorada. Fazia o primário quando a conheci. Era clara, trazia na cabeça uma fita branca para segurar os cabelos alourados que lhe caíam sobre os ombros, altura mediana, magra, espigada, face rósea, olhos amendoados, sorriso sedutor. De uniforme escolar, era mais formosa ainda: blusa branca de mangas curtas, saia preta rodada com pregas, que descia até os joelhos, meias brancas soquetes, sapatos pretos.

Achava-me enamorado.

Ao sair para a escola, passava por um coreto rodeado de pequenos canteiros. Num deles, o malmequer chamou-me atenção pelas flores amarelo-alaranjadas. Com a minha presença, o beija-flor, que se encontrava sorvendo o néctar, voou. As abelhas e coleópteros não ligaram para mim. Sempre soubera que os malmequeres são plantas de bons presságios. Então, lancei-me à sorte: malmequer, bem-me-quer, malmequer, bem-me-quer; e no final deu malmequer.

Namorar no pátio da escola tinha-se tornado comum. Sua delicadeza e modo envolviam-me. Conteí-lhe a estória do malmequer. Ela falou-me que era apenas superstição e que as plantas são objetos da natureza; e ela queria-me bem.

Estávamos nas provas de final de ano.

No dia da última prova, quando rumava à escola, ao passar pelo jardim, achei que o malmequer queria falar-me. Suas flores pareciam desassossegadas. Não titubeei: colhi uma e comecei: bem-me-quer, malmequer, bem-me-quer... e outra vez deu malmequer. Fiquei receoso.

Cheguei à escola desanimado. No entanto, para as provas encontrava-me preparado e tinindo. Não a vi no pátio.

Acabou o ano letivo, acabaram-se as férias, começaram as aulas do ano seguinte. Então, soube que ela viajara e estava morando com parentes na cidade grande.

Todas as manhãs, quando vou à escola, passo relando no malmequer: tem vez que ele está florido, cheio de vida; tem vez que está nu e só, que dá pena. Deixei de lançar-me à sorte, com a certeza de que ele nunca jamais me quis bem.

Ela malmequis.

Edival da Silva Castro



30 anos sem Clarice Lispector

(1920 / 1977)

“...Eu só escrevo quando eu quero, eu sou uma amadora e faço questão de continuar a ser amadora. Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesmo de escrever, ou então em relação ao outro. Agora, eu faço questão de não ser profissional, para manter minha liberdade.”



Acesse, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

A Conferência Episcopal de Aparecida

História do Tempo Presente

Entrevistado por Leonardo Beguoci (FSP, 25-12-06), o arcebispo de Aparecida (SP), D. Raymundo Damasceno Assis, um homem inteligente, sagaz, ex-professor de Filosofia da Universidade de Brasília, relatou os principais destaques do próximo evento católico – a 53ª Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – a se realizar na sua sede arquidiocesana. Propostas pelo repórter questões instigantes sobre a posição da Igreja no mundo atual, o desafio subjacente provocou do arcebispo respostas fundamentadas na demonstração de um pensamento bem estruturado, quer quanto às normas regulamentares, quer quanto ao espírito renovador do Concílio Vaticano II. D. Raymundo Damasceno historicizou o sistema proposto pelas Conferências do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, e destacou a realização desse evento próprio da América Latina, não ocorrente entre os europeus.

Sobre a Conferência marcada para iniciar-se a 13 de maio de 2007, o arcebispo de Aparecida “deposita suas esperanças de que a conferência se baseará nos preceitos do Concílio Vaticano II (1962-1965), que não só reformou a Igreja no século 20, mas também dará seqüência às anteriores, do Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). Nesta estarão presentes bispos de 22 países. Uma das principais preocupações atuais a ser discutida é a perda de fiéis para as Igrejas neopentecostais. Consultado sobre as temáticas das Conferências desse nível episcopal latino, D. Raymundo salientou que nas anteriores estava em pauta o questionamento da expansão comunista, mas que hoje, além da globalização, preocupa o fenômeno registrado como forte, junto à urbanização intensificada, do surgimento expansivo das Igrejas pentecostais e neopentecostais. Movimento provavelmente ligado à busca de equilíbrio, frente à brecha entre ricos e pobres, quando a riqueza está cada vez mais concentrada e visível nas mãos de poucos.

Perguntado sobre a organização, o entrevistado enfatizou que a Conferência é composta por um colegiado de bispos, o

qual, ao lado do Papa, vai debater e tomar decisões. Na seqüência, foi questionado sobre a questão referente à democracia na Igreja. A resposta prendeu-se ao conceito de comunhão, de mistério, de crença e fé, pilares fundamentais como sustentáculos

portanto, lúcida do entrevistado.

Outra questão tópica muito comentada referiu-se ao celibato dos padres a partir de duas colocações fundamentais. Primeiramente, para o arcebispo, o celibato é “um sinal do mundo que aguardamos. Não haverá necessidade de multiplicar a espécie humana no céu. Seremos como anjos”, diz ele. Em seguida, argumenta ser a questão do celibato essencialmente disciplinar, com valor evangélico, próprio e teológico. É estar de maneira radical “a serviço do reino de Deus”. Pois, afinal, “não haverá casados no céu”, como diz o Evangelho, concluiu.

Lembre-mos de que, pouco antes de partir para Roma para exercer cargo de alta função no Vaticano, D. Cláudio Hummes, ex-

arcebispo de São Paulo, admitiu a possibilidade de se alterar a questão do celibato, para, em cláusulas especiais, aceitar candidatos a padres provindos de casamentos, pela falta de vocacionados, e necessidade de atender aos serviços da Igreja. Mas, foi obrigado a obedecer à hierarquia e às disposições, alegando, como o faz D. Raymundo, ser necessária a obediência total e radical às normas disciplinares. Entretanto, argumenta D. Raymundo existirem países como a França e a Itália requisitando padres e seminaristas brasileiros para atender suas necessidades, “sem vocações suficientes para substituir os padres idosos e doentes”. Daí ser possível ao Brasil levar nova evangelização para a Europa. Retribuição aos missionários da colonização e uma forma de “gratidão com a Europa”. Confirma que, apesar da necessidade de novos padres, a Igreja não aceita a participação feminina nessa função. Apenas a de teólogas. Rica em seu conteúdo, a entrevista sobreleva a posição de um referencial hierárquico e de um diálogo reflexivo e aberto, para propor, de maneira clara, a busca, pelos católicos, de uma identidade clara, confirmando-se católicos na missão contínua de Cristo na Terra.

Nota: o tema da Conferência é “Discípulos e Missionários: Roteiros de Reflexão e Oração”.

Dóli de Castro Ferreira

Reprodução



para a hierarquização, que se define por um corpo, determinado no pensamento expresso por São Paulo, da composição de uma cabeça, o Papa, e dos demais órgãos, por suas funções. “A unidade na diversidade”. Para o arcebispo, a entidade não pode ser meramente analisada segundo o ponto de vista sociológico, mas no de um colégio fundamentado nas posições que se completam e se harmonizam a partir de um centro localizado em Roma. Daí tratar-se de Igreja Católica, Apostólica e Romana, disposição expressa em seu título. O colégio, por sua vez, ficará constituído pelo próprio Cristo, que escolheu os apóstolos e os reuniu em tomo de um papa – o primeiro foi São Pedro.

D. Raymundo, em suas considerações, relevou o papel salvífico da Igreja Católica, cumprindo o desígnio de ser humana e divina, mas com limitações, encarnada no mundo, na sociedade. Por isso, sujeita a críticas. Ele não afasta a questão das críticas, isto é, admite o diálogo, e também inteligentemente, considera que, embora “um caminho conhecido para a salvação” seja o da Igreja Católica, “Deus tem outros caminhos que nós não conhecemos”. Completa essa idéia dizendo que se deve respeitar a existência de outros caminhos, pois ninguém poderá admitir, segundo sua própria opinião, quem estará no inferno. E mesmo que uma pessoa, não professando uma religião, mas agindo honestamente, “poderá ser salva por caminhos que nós não conhecemos”. Visão,

“Paz não é ausência de violência. Se fosse assim, uma pessoa de braços cruzados a estaria praticando. Paz é o reflexo da atitude interna de compaixão.”

Tenzin Gyatso



Foto arquivo Pro-Memória

Utopia possível

A Fundação Christiano Rosa vem defendendo, desde sua criação, a necessidade do exercício da cidadania. Em todas as oportunidades clama pela participação organizada da população nas decisões que implicam no futuro da cidade. Na verdade, esse futuro é o de nossas crianças e de jovens. De nada adianta ficar lastimando a situação difícil por que passa a saúde, a falta de emprego, a falta de lazer, a incipiente oferta de atividades que agreguem valores culturais e intelectuais, e que possam formar lastro para a competitividade profissional no mercado de trabalho.

Quando enfatizamos em nossos editoriais a necessidade de reflexão sobre os temas abordados, na verdade estamos a repetir que o futuro depende exclusivamente de nós mesmos. Em sua obra “Utopia”, o escritor inglês Thomas Morus (1480-1535) descreve um país imaginário, onde um governo organizado da melhor maneira proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz.

Utopia é a descrição de qualquer lugar ou situações ideais em que vigorem normas ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas. A utopia do possível depende de nossa capacidade de

mobilização, articulação e negociação. Se, realmente, queremos oferecer às futuras gerações melhores condições de vida, devemos começar agora. Esperar que os outros o façam por nós é muito cômodo; essa atitude leva-nos a aceitar as coisas como elas são. Para ser de outra forma, na utopia do possível temos que participar do dia-a-dia da cidade, exercitar plenamente a cidadania, para buscar caminhos e alternativas que possam prover as necessidades básicas das novas gerações, e para que possamos construir a cidade que desejamos.

“O que é uma cidade senão sua população?” perguntava-se o dramaturgo inglês Shakespeare.

Uma cidade gera oportunidades para sua população: para encontrar pessoas, emprego, optar por escolas e locais para o abastecimento. A cidade é, assim, teoricamente, um lugar onde as pessoas se sentem vivas e onde podem progredir. Mas é também onde as pessoas, às vezes perdidas e às vezes escondidas na multidão, comparam sucessos, fracassos, riqueza, pobreza, carências. A cidade é, por isso, também, um lugar onde há vontade individual e coletiva de melhorar a qualidade de sua própria vida.

AC

Educação: enfim um pacote?

Foi lançado neste mês o pacote da Educação. Anunciado pelo Presidente Lula, representa a principal solução encontrada para tirar o Brasil do precário lugar que ocupa no ranking mundial de educação.

Principal medida anunciada: o repasse de recursos estará condicionado à melhoria da qualidade do ensino em cada escola. A exemplo de países europeus e dos Estados Unidos, as escolas com melhor desempenho serão “premiadas” com mais recursos.

Há quem afirme que o pacote tem o mérito de distanciar-se do ideológico. Sim, do ideológico petista talvez, mas segue uma nova ideologia – a mercadológica. Essa nova ideologia supõe que os graves problemas de educação que enfrentamos possam ser solucionados com o simples “repasse de dinheiro”. Que se digladiem as escolas. Qual é a lógica do mercado, hoje? Quem é mais rico fica cada vez mais rico e quem é mais pobre fica cada vez mais pobre.

Nos países citados como modelo, já foi instaurada uma política de educação de

qualidade, com indicadores previamente estudados e divulgados. Além disso, em alguns países, o órgão superior de educação faz supervisão in loco e assessora na tomada de decisões para a melhoria da qualidade.

Ao optar, no pacote, pela qualidade mensurável e pelo retorno compensatório – que envolve produtividade e rentabilidade –, teremos uma educação de qualidade como privilégio a ser usufruído por poucos. A educação será produto de negociação – objeto de compra e venda. Quem terá acesso a ela? Todos? Não, com certeza não. Ela será direito de poucos. E, em se tratando de educação de qualidade, a equidade é condição essencial.

Por fim, numa sociedade democrática, a educação de qualidade deve-se constituir em direito para todos, sem distinção. A qualidade que se quer ver assegurada na escola é a social, voltada para o desenvolvimento pessoal e coletivo, com as mesmas oportunidades para todos.

Laura Chaves

Notas da Cidade

✓ Está em circulação o livro “Jongo de Piquete, um novo olhar”, de autoria de Gilberto Augusto e Ana Maria Gouvêa. Fruto de um trabalho de pesquisa realizado pela FCR, o livro traz, ainda, textos de autores piquetenses e ilustrações do fotógrafo Nelson Favorino, que enriqueceu o livro com imagens dos membros do Grupo de Jongo de Piquete. A obra faz parte do projeto de mesmo nome, financiado pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, por meio de seu Programa de Apoio à Cultura, e busca divulgar o Jongo entre a população estudantil do município.

✓ Desde o dia 23 de março, Piquete conta com a Associação de Judô “Sharai Ni Tane Wo Maku” (Semeando para o Futuro), organizada pelo judoca Leandro Gonçalves. A Associação nasceu da necessidade de se atender à crescente demanda por essa modalidade esportiva que tem trazido muitas medalhas ao município. A FCR deseja sucesso à Associação, esperando que venha somar forças para o engrandecimento do esporte em Piquete.

✓ A Fábrica Presidente Vargas (FPV) comemorou, no dia 15 de março, 98 anos. Sob a coordenação do superintendente da unidade, Gen. Fernando Manguinho, as festividades constaram de cerimônia cívica, palestra e almoço festivo. Comparceram ao evento diversas autoridades e convidados, além dos operários da Fábrica, a quem foram direcionadas as principais homenagens.

A Fundação Christiano Rosa parabeniza a administração da FPV, sua indispensável parceira, desejando progresso e crescimento à unidade nº 1 da IMBEL, o que significa progresso e melhoria da qualidade de vida para Piquete.

✓ A Liga Feminina Piquetense de Combate ao Câncer deu posse, no dia 09 de março, à sua diretoria para o biênio 2007/2008. A nova presidente é a voluntária Paulina V. de Jesus, que contará com Maria Ap. Silva como vice e a seguinte equipe: 1ª e 2ª Secretárias: Suely Villar e Marlene Machado; 1ª e 2ª Tesoureiras: Taninha Chaves e Cristina M. Chaves Ferreira, além das componentes da Comissão Fiscal.

✓ A Câmara Municipal de Piquete promoverá, no dia 30 de março, evento comemorativo do “Dia Internacional da Mulher”. Na ocasião, serão homenageadas as senhoras Anna de Lourdes Rodrigues Ramos Pereira, Ana Cristina Coelho Abs, Catarina Maria de Jesus Santos, Dalva Gonzaga de Souza, Esperança Valéria de Andrade Costa, Eunice Ávila da Conceição, Maria Margarida de Almeida e Vera Lúcia Vicente.

O evento terá como oradora oficial a Vereadora Evelize Chaves e constará de palestra da Dra. Alda Marco Antônio e apresentações da poetiza Myrthes Mazza Masiero e da cantora Olga Dinamarco.